

Lilia Guerra. *O céu para os bastardos*. São Paulo: Todavia, 2023. 171p.

Lilia Guerra, autora de *O Céu Para os Bastardos*, auxiliar de enfermagem do SUS e moradora de um conjunto habitacional em Cidade Tiradentes, São Paulo, está em contato diário com o tipo de relato que tem como espaço o Fim-do-mundo. Ao ouvir a história da mãe, dos vizinhos e dos pacientes, Lilia Guerra preenche/recria histórias reais e recolhe ficções. Ler as histórias das personagens da autora, entrelaçadas de dificuldades e alegrias, de desencantos e sonhos, é estar em contato com a vida de muitos brasileiros, cujas vidas transitam à margem, cujos destinos residem e resistem nas periferias das cidades.

Uma dessas personagens é Maria Expedicionária, mais conhecida por seu apelido Sá Narinha – que lhe foi dado pelos moradores do seu bairro, Fim-do-mundo, devido suas famosas receitas de banhos e garrafadas. Narradora de *O Céu Para os Bastardos*, a personagem sente a necessidade de anotar as histórias que vai conhecendo em seu caderno de capa vermelha:

Gosto de conhecer histórias. E de anotar as que vou conhecendo. Tenho meu caderno de capa vermelha, onde registro memórias e pensamentos. Reproduzo sentimentos depois das reflexões que brotam durante o percorrer dos caminhos. (Guerra, 2023, p. 26).

Esses registros passaram a ser para Sá Narinha uma esperança de dias melhores, o fim da sua jornada como empregada doméstica e o início de um novo capítulo como escritora. Tal qual Carolina Maria de Jesus, em sua obra *Quarto de Despejo*, a narradora – embora ficcional – escreve sobre si, suas angústias e sobre os vizinhos do Fim-do-mundo. Em *O Mundo Desdobrável: ensaio para depois do fim*, Carola Saavedra discorre sobre a autora de *Quarto de Despejo*, em uma reflexão adequada à narradora de *O Céu Para os Bastardos*:

Por muito tempo se discutiu se a literatura feita por uma mulher “favelada” e sem domínio formal da palavra escrita era literatura. Até pouco tempo atrás alguns críticos afirmavam que não, que se aquilo era literatura então qualquer coisa era literatura. (Saavedra, 2021, p. 169)

Assemelhando-se à realidade de Carolina Maria de Jesus, a personagem sonha sozinha. Ao contar do desejo de se tornar escritora ao seu antigo patrão, ouve o seguinte: “Há escritores medíocres aos bocados, Maria. Mas está cada vez mais difícil encontrar alguém com talento para passar uma camisa do jeito que você passa.” (Guerra, 2023, p. 30). Assim, Maria Expedicionária passa a acreditar que seu destino, sendo mulher, negra e pobre, seria trabalhar cuidando de uma casa, que não era sua, e de uma família, da qual não fazia parte.

Tal aspecto é recorrente na literatura feminina contemporânea. Conforme coloca Angela Davis, em sua obra *Mulheres, Raça e Classe*, “[...] as atitudes sociais predominantes continuam a associar a eterna condição feminina a imagens de vassouras e pás de lixo, esfregões e baldes, aventais e fogões, vasilhas e panelas (Davis, 2016, p. 226). E a literatura contemporânea, que dá voz àqueles que precisam dizer e que precisam ser ouvidos, apresenta obras que denunciam a realidade de parte das mulheres brasileiras. Conforme coloca Jaime Ginzburg, no artigo “O narrador na literatura brasileira contemporânea”,

Obras literárias podem corresponder a intervenções de resistência, na medida em que constituem interpretações da História a partir de lugares de enunciação diferentes dos que estão estabelecidos como aceitáveis pelas instituições de controle social. (Ginzburg, 2012, p. 212)

Embora tal tema apareça com recorrência em outras obras contemporâneas, um cenário a diferencia de outras. A personagem Sá Narinha é mãe solteira de Júlio César, e ele cometeu um crime. Ler relatos ficcionais de uma mulher que subitamente tem sua vida transfigurada, sua fama de curandeira modificada, passando a ser reconhecida como a mãe de um criminoso, que covardemente espancou sua esposa até que ela ficasse em coma, é algo forte e transformador. A personagem busca refúgio na escrita para expor sua dor, vergonha e raiva. Sá Narinha tenta procurar, pelo discurso, alguma razão ao que aconteceu; tenta justificar a índole do filho com aspectos de sua infância; tenta achar um refúgio para dizer aquilo que pensa e sente:

O barulho foi ensurdecedor dentro de mim. Meu útero se moveu como se estivesse expulsando uma criança graúda. Outros órgãos também se manifestaram, apavorados com a descarga de agonia. (Guerra, 2023, p. 84).

Numa espécie de aborto tardio, a mãe se arrepende de ter dado à luz, quando filho arrebatava a vida da filha de alguém, na busca a todo custo por encontrar sinais no passado que explicassem o presente. E, nessa procura, Sá Narinha lembra do batizado que nunca aconteceu. Em certo momento da obra, a personagem rememora quando tentou acalmar a irmã, Valdumira, acerca da impossibilidade de batizar o sobrinho na igreja católica:

-- Abrandando esse coração, minha irmã. Ele vai morrer um dia como qualquer um de nós. Mas eu não acredito que Deus possa condenar assim um inocente. Se o Júlio é pagão, não é por culpa dele. O que se pode fazer se não leva o nome do pai no documento? Deve existir um espaço no céu destinado aos pagãos. Aos bastardos. É muita gente, mira. Muita gente. (Guerra, 2023, p. 125).

Além de todas as dificuldades da vida, em uma sociedade tamanhamente desigual, na memória e na palavra, mais do que na fé e na esperança, está a procura e invenção de um lugar que abrigue, depois do fim: um “céu para os bastardos”.

REFERÊNCIAS

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea. *Tintas*. Quaderni di Letterature Iberiche e Iberoamericane, Milano, n.2, p. 199-221, 30 nov. 2012.

SAAVEDRA, Carola. *O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim*. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

Yasmim Dornelles

Graduanda na Universidade de Passo Fundo/UPF